



A IDEALIZAÇÃO DE UMA LITERATURA NACIONAL POR MEIO DA CRÍTICA LITERÁRIA DE JOSÉ VERÍSSIMO

Matheus Salviato – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Resumo: José Veríssimo foi um importante crítico literário brasileiro, do fim do século XIX e começo do século XX, e através de seus ensaios e obra teve o papel de remodelar a crítica literária feita em seu século. Com suas referências à geração de 1870, descrita como “geração nova” por Sílvio Romero, traça caminhos para a educação brasileira e para literatura nacional, entendendo-a como importante instrumento de transformação social. A literatura que Veríssimo concebe é aquela que represente o país através de sua brasilidade. Aliado aos movimentos independentistas efervescentes no século XIX, a construção de um país independente de Portugal e suas referências, torna evidente ao crítico a necessidade de utilizarmos da literatura para alavancar o espírito nacional. Com isso, este presente artigo tem por objetivo a investigação das influências e da produção bibliográfica de José Veríssimo, buscando confrontá-lo intertextualmente às correntes formadas paralelamente no Brasil e em Portugal, ambas denominadas de Geração de 70. Estas, guiadas pelo ideal romântico e pelo pensamento positivista efervescente no século XIX, viam na literatura um importante instrumento de transformação social. O resultado é um dossiê crítico, buscando assim como as fontes citadas, levantar o tema da literatura e poder discuti-la de forma crítica, histórica e social.

Palavras-chave: José Veríssimo. Geração de 70. História da literatura. Crítica literária.

Abstract: José Veríssimo was an important Brazilian literary critic, from the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, and through his essays and work he had the role of reshaping the literary criticism made in his century. With its references to the generation of 1870, described as “new generation” by Sílvio Romero, it traces paths for Brazilian education and national literature, understanding it as an important instrument of social transformation. The literature that Veríssimo conceives is one that represents the country through its Brazilianness. Allied to the effervescent independence movements in the 19th century, the construction of a country independent from Portugal and its references, makes evident to the critic the need to use literature to leverage the national spirit. Thus, this article aims to investigate the influences and bibliographic production of José Veríssimo, seeking to intertextually confront him with the currents formed in parallel in Brazil and Portugal, both called Geração de 70. These, guided by the romantic ideal and by the effervescent positivist thought in the 19th century, he saw literature as an important instrument of social transformation. The result is a critical dossier, seeking, as well as the cited sources, to raise the theme of literature and be able to discuss it in a critical, historical and social way.

Keywords: José Veríssimo. History of Brazilian literature.

José Veríssimo (1857 – 1916) foi um dos pioneiros no Brasil em entender a literatura brasileira não somente como um texto escrito no Brasil, mas sim, como um texto que referencie aos símbolos e a cor local, que traduza a identidade de um povo, ainda no século XIX extremamente enraizado em Portugal. Veríssimo (1916) via na literatura um importante instrumento de representação nacional, e, aliado aos ideais positivistas e evolucionistas efervescentes em seu século, também compartilhados pela Geração de 70, via na literatura um importante instrumento de transformação social.



Antônio Cândido, em afirmação a respeito do período literário em que o Brasil se encontrava no século XIX, utiliza de Sílvio Romero como exemplo, e afirma a respeito dos críticos literários deste período

Tratava-se de utilizar todas as armas a fim de forjar, em todos os campos, a ideologia a ser oposta ao arcabouço feudal e romântico, que se prolongava nas instituições e nas Letras. Por isso, a Crítica nasceu aqui ligada a este movimento de revalidação ideológica (...). A repugnância manifestada por Sílvio em considerar apenas literária a sua crítica, bem como a sua repulsa pelo aspecto puramente estético das obras (dois enormes equívocos em que incorria) vêm justamente deste sentimento de que a Crítica, começando como disciplina literária, terminava necessariamente como movimento social (CANDIDO apud BARBOSA, 1974, p. 85).

Neste sentido, este artigo tem o intuito de esclarecer como se deu a formação de José Veríssimo, assim como relacionar o pensamento crítico de Veríssimo às Gerações de 70, descrevendo suas influências e trabalhos, a fim de entender como o ideal romântico e libertário personificou a literatura brasileira, traçando seus objetivos.

José Veríssimo inicia sua publicação no ano de 1878, com *Primeiras Páginas*. Já em sua primeira obra, embora considerada imatura, por se tratar da escrita de um jovem de apenas 20 anos, demonstra alguns pontos que serão centrais em seus escritos. Em primeiro lugar, traça um caminho para suas inspirações, e neste caso, tomo a atenção para a conexão do crítico aos ideais da geração de 70, explorada por João Alexandre Barbosa (1937 – 2006) no livro *A tradição do Impasse* (1974).

A Geração de 70, protagonizada pelos ideais de Tobias Barreto (1839 – 1889) e Sílvio Romero (1851 - 1914), em Pernambuco, e também de Capistrano Abreu (1853 - 1927) e Araripe Júnior (1848 - 1911), no Ceará, tinha por alinhamento, e, por ideal, as modificações positivistas e o pensamento crítico efervescente nas novas sociedades que se formaram pós-pensamento iluminista, marcadas pela queda do clero religioso em prol do pensamento científico.

O século XIX trouxe diversas modificações na sociedade mundial, em especial às colônias situadas na América do Sul. As colônias hispânicas, como a Argentina, Chile, Peru, Uruguai e Venezuela iniciaram seu processo de independência. No Brasil, após a chegada da corte portuguesa em 1808, o processo de independência seguiu de forma distinta. Gritada por Dom Pedro I, representante monárquico de Portugal, a independência fundou um império em meio às repúblicas latino-americanas.

A sociedade brasileira da segunda metade do século XIX foi marcada por diversas mudanças estruturais, das quais, para os críticos brasileiros da geração de 70, era necessário de um guia para dizer-lhes as virtudes passadas e apontar-lhes um futuro promissor. Marcada por 30 anos de reinado de Dom Pedro II, que assume, em 1831, com a “lei da maioridade” que



definia a idade mínima para posse do trono em 14 anos com outras mudanças drásticas. Aquilo que Caio Prado Júnior descreve como a última das três grandes aristocracias brasileiras (PRADO JUNIOR apud BARBOSA, 1974, p. 79), com uma nova *commodity*, o café, destaca-se a formação de um polo urbano nas regiões do Centro-Sul e a insurgência de uma classe média junto ao poder político.

Esta geração, identificada como “geração contestante”, por Barbosa (1974), e definida por Veríssimo como possuidora de um “espírito novo”, posteriormente, nomeado de “modernismo de nossa evolução cultural”, buscava a instauração da república, a queda do sistema escravagista e uma modificação da sociedade sem a destruição de suas estruturas internas. Com isso, definiu para a literatura e para os seus prosadores, um conhecimento social e crítico capaz de modificar a sociedade brasileira da época.

Com isso, abro um parêntese para realizar uma pequena aproximação entre as gerações de 70, principalmente no que tange às aspirações e possíveis pontos em comum à ideologia de Veríssimo, pois enquanto o Brasil formava uma forte geração de intelectuais, críticos e escritores para repensar a literatura nacional, e a sociedade brasileira da época, Portugal passava por um processo similar, representado também através de uma corrente de intelectuais e escritores, e da mesma forma, é denominada de Geração de 70.

Apoiada em personalidades fortes à literatura portuguesa da época, como Antero de Quental (1842 – 1891), Oliveira Martins (1845 - 1894) e Eça de Queiroz (1845 – 1900), a Geração de 70 de Portugal, entre reivindicações de cunho político e literário, preocupava-se também em recuperar um ideal estilístico para literatura muito similar à procura de Veríssimo (1916) em sua *História* da literatura.

A famosa carta *Bom Senso e Bom Gosto* (1865), de Antero de Quental a António Feliciano de Castilho, é um belo exemplo da ideologia compartilhada entre os autores, em recuperar o ideal da literatura; recuperar o papel do poeta que procura experimentar o mundo por meio de sua sensibilidade e conceber o texto literário, aquilo denominado de “literariedade”, conceder ao texto a potência de engrandecer a alma, de acessar o inatingível humano, através da exploração dos sentimentos, da crítica à sociedade, do eu no mundo, e com isso, a concepção do papel social de priorizar literaturas que não sejam de puro mérito formal e técnico, mas sim daquelas que reivindiquem um sentimento universal; que sejam capazes de transformar suas sociedades em questão (QUENTAL, 1865).

Em trecho da Carta, Quental diz a Castilho

Repetem o que está dito há mil anos, e fazem-nos duvidar se o espírito humano será uma estéril e constante banalidade. São os enfeitadores das ninharias luzidias. Põem



os nadas em pé para parecerem alguma cousa. São os ídolos literários da multidão que mal sabe ler. São os filósofos queridos da turba que nunca pensou. São, enfim, gênios no Brasil como v. ex.^a (QUENTAL, § 19, 1865).

A crítica à literatura lida no Brasil, assim como a crítica ao público leitor do Brasil, eram ideais compartilhados entre Antero de Quental e José Veríssimo. Preocupados com o papel social da literatura, enfatizam sempre este poder transformador, essa força de se conectar ao íntimo humano e proporcionar um lugar de discussão de ideias e de transformação social. Idealistas, no melhor sentido, românticos no tempo histórico, ambos são definidos por suas ambições literárias e sociais.

Do resultado comum às gerações em suas sociedades em questão, deu-se o republicanismo. Instaurado, em 1889, no Brasil, seria proclamado somente em 1910, em Portugal, gerando similarmente um sentimento decepcionante aos seus “idealizadores”. Chamados ao final de suas vidas de “Vencidos da Vida”, a Geração de 70 portuguesa vai impactar profundamente nossa literatura, posteriormente, através das ligações entre Paulo Prado e Eça de Queiroz, exploradas na obra de Carlos Eduardo Berriel (2013), *Tietê, Tejo e Sena - A obra de Paulo Prado*, onde Berriel perpassa pelas conexões entre o modernismo paulista e a Geração de 70 de Portugal.

Retornando à investigação da obra de José Veríssimo, temos *Primeiras Páginas* (1878), que registra o início da produção ensaísta do crítico, e declara ao mesmo tempo, suas influências, e o que guiará muito de seu discurso durante o período de sua produção provincial, que é justamente a preocupação etnográfica para a construção identitária do povo brasileiro.

José Veríssimo funda, em 1883, com os editores Clementino José Lisboa, Joaquim Ignacio Amazonas d’Almeida, José Cardoso da Cunha Coimbra e Dr. José Paes de Carvalho, a *Revista Amazônica*. Embora a revista tenha durado apenas um ano, a mesma expressava um objetivo ambicioso. Em seu texto de apresentação, declaram

Abrir um campo em que venham lavar quantos se interessam pelo desenvolvimento moral da esplêndida Região Amazônica; torna-la conhecida, dentro e fora do país, pelo estudo dos múltiplos aspectos por que pode ser encarada, aos sábios, letrados, economistas e financeiros empreendedores; estreitar numa comunidade de desejos e, até certo ponto, de idéias, as relações entre as duas províncias que formam a Amazônia; propagar o espírito novo que atualmente agita o mundo intelectual; oferecer aos estudiosos de ambas essas províncias um meio menos efêmero do que o jornal de dar publicidade ao resultado de suas lucubrações – tal é o fim desta publicação (...) (VERÍSSIMO apud BARBOSA, 1974, p. 40).

A revista embora tenha durado apenas um ano, encontrou seus objetivos, principalmente no que tange a propagar novos ideais e ensaios críticos, a que se refere Veríssimo em citação acima, e também em reunir um grande número de colaboradores. Machado de Assis citado por



Barbosa (1974) responde a uma carta de Veríssimo, onde o mesmo lhe contava dos anseios do lançamento da revista:

Na carta [...] manifesta o receio de que a tentativa não corresponda à intenção, e que a *Revista* não se possa fundar. Não importa; a simples tentativa é já uma honra para V. Ex.^a, para os seus colaboradores e para a Província do Pará, que assim nos dá uma lição à Corte [...]. Não temos ainda a massa de leitores necessária para essa espécie de publicações [...]. Esta linguagem não é a mais própria para saudar o aparecimento de uma nova tentativa; mas sei que falo a um espírito prático, sabedor das dificuldades, e resoluto a vencê-las ou diminuí-las ao menos. E realmente a *Revista Amazônica* pode fazer muito; acho-a bem feita e séria. Pela minha parte, desde que possa enviar-lhe alguma coisa, fá-lo-ei (os grifos são do autor) (ASSIS apud BARBOSA, 1974, p. 41).

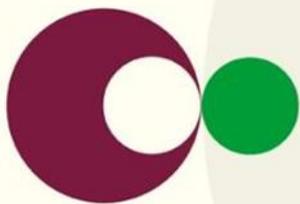
Machado de Assis não publicou nada na *Revista*, que teve seu fim precoce, porém reconhece das aspirações do crítico brasileiro, e demonstra seu apoio. Entre os ensaios publicados na *Revista* estão: sobre etnografia, “Os Ídolos Amazônicos (um novo documento)”, “A linguagem Popular Amazônica”, “Tradições, Crenças e Superstições Amazônicas” e “As populações Indígenas e Mestiças da Amazônia”; o conto “O boto”; e, sobre história cultural, “O movimento Intelectual Brasileiro nos Últimos Dez Anos”. Para o crítico literário em formação, a literatura brasileira deveria ser a expressão do povo brasileiro, e somente estudando esse povo, com seus costumes, suas crenças, sua cor, poderíamos retratá-los de forma digna.

Outras duas obras vão ser de extrema importância para formação crítica do autor, tratando, em maior parte, de ensaios, quais são *Cenas da Vida Amazônica: com um estudo sobre as populações indígenas e mestiças da Amazônia* (1886) e *Estudos Brasileiros* (1889). Estas representam e compõe a maior parte de ensaios realizados pelo autor em seu período provincial, no Pará, e ajudam a compor em textos revistos ou íntegros, a sua história literária brasileira, publicada em 1916 e considerada sua obra final como crítico literário.

Dois de seus últimos textos da fase provinciana, que são pouco discutidos, porém de extrema importância para sua trajetória pedagógica, são *A educação Nacional* (1890) e *A Instrução Pública no Estado do Pará* (1891).

Em introdução à *Educação nacional*, o autor explicita suas intenções para com a educação brasileira, descrevendo o cenário atual das letras no país como precário e entendendo a educação como principal instrumento para reverter este capítulo. Aliado às transformações sociais advindas da instauração da república em 1870, Veríssimo buscava também ser um instrumento de guia para construção dessa nova realidade brasileira.

Se – diz ele –, como forçoso é reconhecer, o estado moral do Brasil, e ainda seu estado material, é propriamente desanimador e precário e, sobretudo, está muitíssimo aquém das justíssimas aspirações dos patriotas e dos gloriosos destinos que lhe antevemos, não há tampouco negar que nem somente a monarquia e as instituições que lhe eram ministras, senão nós todos somos



disso culpados. É, pois, a nós mesmos, é ao povo, é a nação, que cumpre corrigir e reformar, se quisermos realize a República as bem fundadas e auspiciosas esperanças que alvoreceu nos corações brasileiros. Para reformar e restaurar um povo um só meio se conhece, quando não infalível, certo e seguro: é a educação, no mais largo sentido, na mais alevantada acepção desta palavra. Nenhum momento mais propício que este para tentar esse meio, que não querem adiado aos interesses da pátria” (VERÍSSIMO, citado por BARBOSA, 1974, p. 59).

Desiludido com Benjamin Constant e com as primeiras reformas realizadas pelo incipiente governo republicano brasileiro, Veríssimo retorna ao pessimismo e declara sua decepção para com os poderes públicos de não se importarem para com a educação. Em vias de revolta, escreve um longo estudo introdutório para edição publicada em 1906, esta data onde o crítico já se encontrava no Rio de Janeiro e já havia sido por sete anos diretor do Externato do Ginásio Nacional. Neste estudo, ele relata sua decepção para com o partido republicano, inclusive negando seu título de patriota: "Não sou um patriota, ao menos não o quero ser na acepção política desse vocábulo, assevandijado pelo uso desonesto com que com ele se qualificam os mais indignos repúblicos" (VERÍSSIMO apud BARBOSA, 1974).

A *educação nacional* foi separada em oito capítulos, sendo estes: “A Educação Nacional”, “As Características Brasileiras”, “A Educação do Caráter”, “A Educação Física”, “A Geografia Pátria e a Educação Nacional”, “A História Pátria e a Educação Nacional”, “A Educação da Mulher Brasileira” e “Brasil e Estados Unidos”. O livro, para Antônio Candido (1978), é “claramente arquitetado, desenvolvido com segurança e entusiasmo, filiando-se à filosofia da educação mais que à Pedagogia” (CANDIDO, 1978, p. 60).

É importante entender como essas propostas de Veríssimo já demonstram um compromisso para com o desenvolvimento do Brasil como unidade, não somente utilizando da crítica para apontar os erros e acertos, mas também utilizando da educação para formar um povo consciente da sua história e do seu país.

José Veríssimo lança, por fim de sua obra, a *História da Literatura Brasileira*, publicada no ano de sua morte, 1916. A partir da mesma, José Veríssimo concentra seus ensaios e críticas, deixando-nos o que podemos denominar de “obra final”. Contando sua *História*, desde Gabriel Soares de Souza e Bento Teixeira, até Machado de Assis, descreve de forma diacrônica os contextos históricos e as obras daqueles que Veríssimo entende por constituírem lugar na literatura brasileira. É importante apontar a distinção vigente neste método. Ao contrário de diversos outros críticos, para Veríssimo, Pero Vaz de Caminha (1450 – 1500) não é mais que somente um português que escreveu uma carta no Brasil, não figura de nenhum modo lugar em nossa literatura. Neste sentido, para o crítico, Bento Teixeira (1561 – 1618) já nos diz melhor



respeito, pois o mesmo descreve nossos rios e nossa paisagem, já iniciando um movimento denominado nativismo.

Veríssimo, em sua *História da Literatura Brasileira* (1916) seleciona o que para o crítico, seria o caminho “natural” para o universalismo, sendo: cor local, indianismo e nacionalismo. Para o crítico literário, o objetivo de nossa literatura seria representar o povo brasileiro, não mais dependente de Portugal ou às influências externas. Em primeiro lugar, o nativismo seria o reconhecimento de nossa terra e de nossa cor local. Passando pelo indianismo, quando os poetas buscariam nossas raízes nos povos originários e, com isso, buscariam identificar no nativo os sentimentos considerados valorosos. E, a partir disso, do reconhecimento de nosso povo, de suas origens, de seus valores, de suas paisagens, chegamos ao universalismo, cujo maior exemplo acaba por ser Machado de Assis, onde já concebemos nossos símbolos, valores, e escrevemos sobre nossos sentimentos universais, para públicos universais.

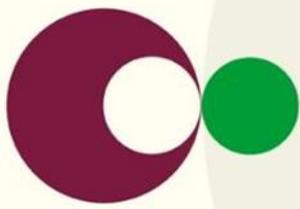
Não há na verdade nação sem literatura. Assenta a justeza deste conceito de Ferrero no postulado de que a literatura é a expressão da sociedade, a manifestação escrita do pensamento e do sentimento de um povo. Um povo que não os tivesse, dignos de serem exprimidos, e que não achasse em si os estímulos necessários à sua expressão, não seria uma nação. (VERÍSSIMO, 1979, p. 43).

A partir deste método, Veríssimo (1916) expõe autores como Gregório de Matos (1636 – 1696), dedicando ao poeta um capítulo em sua obra *História da Literatura Brasileira*, onde o crítico expõe casos onde Matos haveria se utilizado de traduções de textos escritos pelo poeta português Francisco de Quevedo (1580 – 1645), também expõe uma mentalidade do nosso poeta pouco explorado em sala de aula, como o ódio ao Brasil, o sentimento patriótico para Portugal e os discursos contra a população natal, empenhado em alguns de seus poemas.

Neste sentido, a crítica literária se embebeda do papel social de moldar a sociedade através da crítica, apontando os erros e os acertos advindos com o tempo, e utilizando desta para apontar novos caminhos e diferentes soluções. Se a literatura de cada povo, é o reflexo do tempo e do lugar que foi escrita, a exemplo de *Ilíada* para com a Grécia Antiga, ou *Pantagruel* para com a França medieval, cabe também à literatura brasileira o papel de representar o povo brasileiro, independente de Portugal e portador de sentimentos universais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, João Alexandre. *A tradição do impasse: linguagem da crítica e crítica da linguagem em José Veríssimo*. São Paulo: Ática, 1974.



BERRIEL, Carlos Eduardo. *Tietê, Rojo e Sena - A obra de Paulo Prado*. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

CANDIDO, Antonio. *Sílvio Romero: teoria, crítica e história literária*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

QUENTAL, Antero de. *Bom-senso e bom-gosto: carta ao excelentíssimo senhor António Feliciano de Castilho*. 1865.

VERÍSSIMO, J. A nossa evolução literária. In: _____. *Últimos estudos de literatura brasileira: sétima série*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

VERISSÍMO, José. *História da Literatura Brasileira*, Brasília: Ministério da Cultura - Fundação Biblioteca Nacional, [domínio público], 1916.